

É devagar, devagarinho

RICARDO ALLAN
DA EQUIPE DO CORREIO

Os efeitos negativos da política de juros altos no desempenho da economia começaram a ser sentidos em cores mais fortes ontem, quando o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os mais recentes números do Produto Interno Bruto. O PIB (total das riquezas produzidas no país) cresceu apenas 0,3% de janeiro a março deste ano em comparação com o último trimestre do ano passado. Esse foi o pior resultado desde o segundo trimestre de 2003, quando o país estava estagnado e a expansão foi de mero 0,1%.

O número mais preocupante sobre as possibilidades de crescimento econômico de longo prazo foi a queda de 3% na taxa de investimentos. A média de recursos investidos nos três trimestres anteriores havia crescido 14%. "A diferença é um absurdo", disse a gerente de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis. Os números deixam claro que os empresários se retraíram por causa da alta de juros promovida pelo Banco Central (BC) desde setembro do ano passado. De lá para cá, a taxa básica (Selic) subiu de 16% para 19,75%, afetando em cheio a decisão dos empresários de ampliar os negócios.

Diante disso, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) vai revisar para baixo, na próxima semana, sua previsão de crescimento do PIB neste ano, que estava em 3,5%. Para o economista do Ipea Armando Castelar, o aumento ficará mais perto de 3% do que de 3,5%. Castelar explicou que a avaliação é pessoal, e não do instituto. Para ele, a mudança reflete "tanto o resultado do primeiro trimestre quanto o fato de que a política monetária (*juros altos*) está ficando apertada há mais tempo do que se imaginava".

O desempenho da economia em 2005 tem se mostrado bastante diferente do verificado no ano passado, quando todos os componentes do PIB tiveram resultado positivo. No primeiro trimestre deste ano, os únicos segmentos a manter números favoráveis foram as exportações, subindo 3,5% e as importações (2,3%). O

consumo das famílias caiu 0,6%, e o do governo, 0,1%. Entre as atividades econômicas, o destaque foi a agropecuária, com expansão de 2,6%. A indústria apresentou queda de 1%, e os serviços, de 0,2%.

Esperança

Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, entretanto, a economia cresceu 2,9%, a maior expansão desde o quarto trimestre de 2003. O governo se apegou a esse indicador para afirmar que a situação não está ruim como parece e ainda espera uma expansão de 4% neste ano. "O que aconteceu foi uma acomodação do crescimento e investimentos. Não houve surpresa nenhuma", minimizou ontem o secretário de Política Econômica, Bernard Appy. Ressaltando que este foi o oitavo trimestre consecutivo de crescimento econômico, o secretário preferiu mudar o foco da análise.

"A acomodação verificada não compromete a perspectiva futura. O ciclo de crescimento vai continuar com estabilidade", disse Appy, escalado pelo Ministério da Fazenda para comentar o assunto. Nem o retrocesso nos investimentos abalou o secretário: "Uma parte importante dessa desaceleração se deve a uma retração bastante forte na venda de máquinas e implementos agrícolas, resultado da quebra de safra", garantiu. "Os investimentos devem ser retomados nos próximos trimestres."

O secretário admitiu que o desempenho ruim do trimestre se deveu basicamente à apertada política monetária, mas defendeu a atuação do BC no combate à inflação. Segundo Appy, a alta de juros garantirá a estabilidade nos preços e a preservação da renda dos trabalhadores, criando condições para um crescimento econômico "acelerado e poderoso" nos próximos trimestres.

Críticas

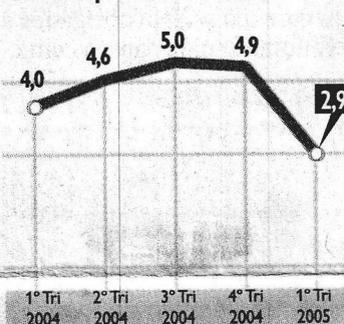
Empresários e sindicalistas se uniram ontem ao culpar a política monetária pela desaceleração. "Esse péssimo desempenho deve-se às altas taxas de juros. O vigor do crescimento econômico do mundo e a expansão desenfreada do crédito não estão sendo suficientes para contraba-

PASSOS LENTOS

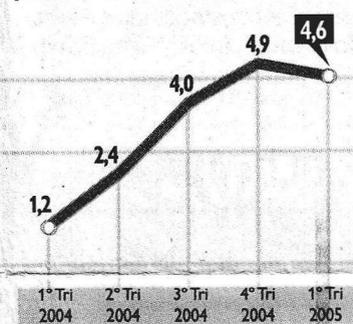
Há desaceleração no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em todos os critérios de comparação.

Variáveis em %

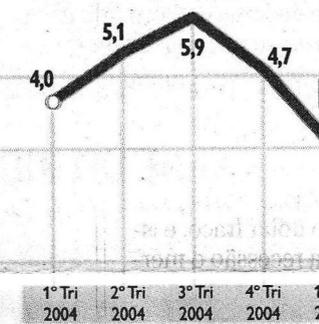
Acumulado ao longo do ano em relação ao mesmo período do ano anterior



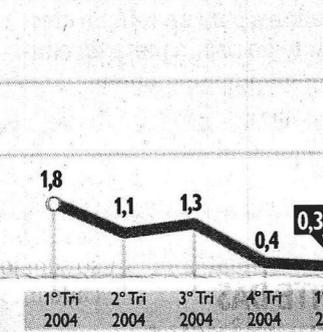
Últimos quatro trimestres contra igual período imediatamente anterior



Trimestre comparado ao trimestre imediatamente anterior



Trimestre comparado ao trimestre imediatamente anterior *

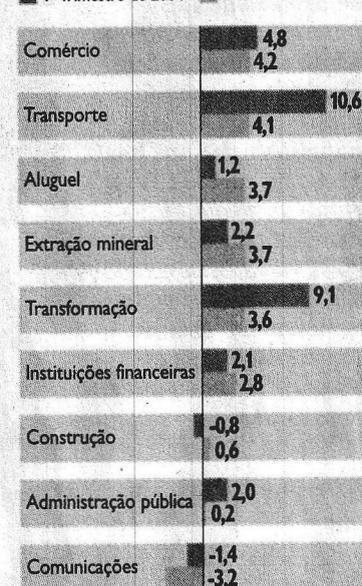


*Com ajuste sazonal

AS PRINCIPAIS ÁREAS

Varição do trimestre comparado ao mesmo trimestre do ano anterior Em %

■ 1º Trimestre de 2004 ■ 1º Trimestre de 2005



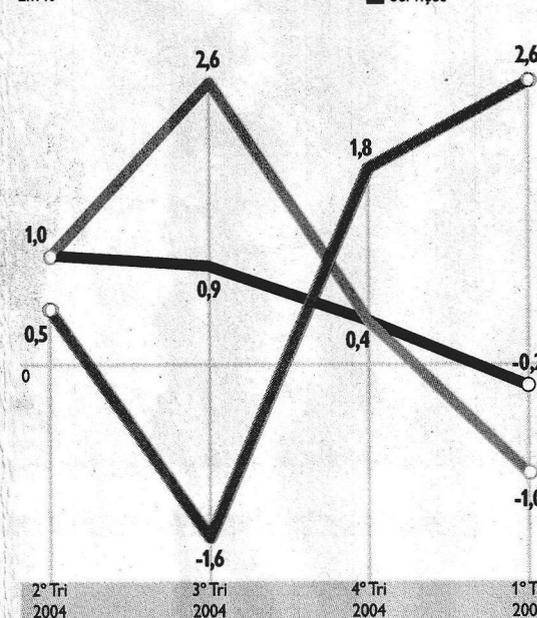
Fonte: IBGE

Arte: Anderson Araújo

OS SETORES

Varição do trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior Em %

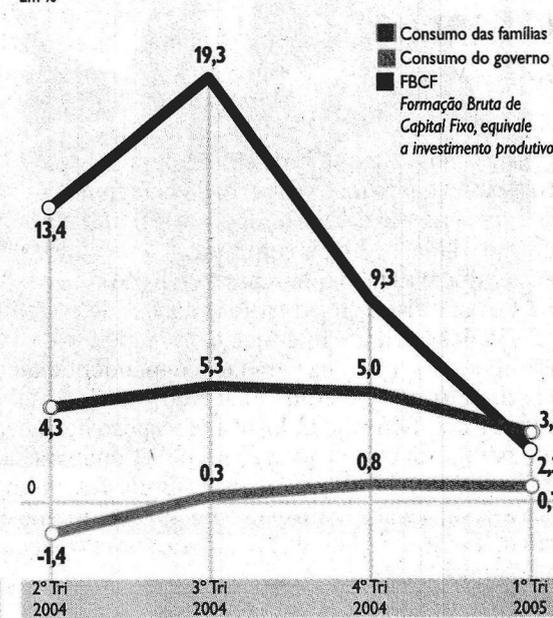
■ Agropecuária ■ Indústria ■ Serviços



CONSUMO E INVESTIMENTO

Varição do trimestre em relação a igual período do ano anterior Em %

■ Consumo das famílias ■ Consumo do governo ■ FBCF
Formação Bruta de Capital Fixo, equivale a investimento produtivo



lançar esse efeito. A economia não tem mais força. Em breve, teremos variação negativa do crescimento", previu o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Paulo Skaf.

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, também lamentou o resultado. "Quando você aperta a taxa de juros, os agentes econômicos começam a reagir. A desacelera-

ção foi maior do que esperávamos", afirmou. O empresário defendeu a queda "expressiva" de juros no segundo semestre para que os investimentos se recuperem. Segundo Monteiro, a economia deve crescer menos do que o intervalo hoje estimado (de 3% a 3,5%). Em nota oficial, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) afirmou que a Selic alta sem sinalização de queda é uma das razões da desaceleração apontada pelo IBGE.